

## ARTIGO DE OPINIÃO

## NOVOS ARRANJOS FAMILIARES

## Felizes para sempre enquanto dure

*Por Gislaine Buosi*

Apregoarmos apenas o modelo de família tradicional é tão ultrapassado quanto investir na fábula da cegonha que traz o bebê no bico. Isso porque a família, nos exatos contornos do dicionário, cedeu lugar a diversas células construídas, não mais consanguínea, mas sócio-histórico-culturalmente.

Na pré-história, a caça era atribuída ao homem das cavernas; o cuidado da prole, à mulher – esse, o conceito de família que perdurou até o milênio passado. Atualmente, não raro, vemos os papéis invertidos. E não é só isso: a diversidade familiar é uma característica das sociedades modernas. Ora, define-se “pessoa” como a criatura da espécie humana; “família”, como a reunião de pessoas (e não mais como o par, homem e mulher) que ocupam um mesmo espaço, com a finalidade de mútua cooperação. Outrossim, os relacionamentos poliamorosos já são realidade, e não há quem os possa, com acerto, julgar mais ou menos eficientes que os monogâmicos.

As revoluções empreendidas pelas mulheres nos séculos 19 e 20, somadas às mais recentes, essas protagonizadas pelos movimentos LGBTTT, são responsáveis pelos novos álbuns de família, muito embora percebamos que grande fatia da sociedade ainda resista em aceitar essa realidade pulsante.

Enquanto isso, é preciso que os legisladores rabisquem papéis, sancionem ou vetem leis que assegurem direitos e prescrevam obrigações a esses novos vínculos familiares. No contraponto, de valia salvaguardar-se o sincretismo, até porque a rua São Caetano está coalhada de trajes de aluguel e as joalherias oferecem os mais delicados pares de alianças a todos aqueles que desejarem. Todavia, por amor ao debate, de bom avisar que os ingressos para o Museu da Família Bizarra já estão à venda. Estudantes pagam meio, é só tomarem o trem das onze. A tempo: não é preciso molhar a horta – os vegetais são hidropônicos. E saudáveis.